

Funaro nega acusações de ditadura econômica

O ministro da Fazenda, Dílson Funaro, negou ontem que o País esteja vivendo dentro de uma "ditadura econômica", como acusou, na última terça-feira, o ex-presidente da República, João Baptista Figueiredo. O ministro disse que tem discutido sistematicamente com todos os setores da sociedade, dando a idéia de que está conduzindo de forma democrática a política econômica do governo. "Está nascendo uma democracia no Brasil e espero que ela seja duradoura, pois lutamos muito por isso", complementou.

As afirmações de Figueiredo foram feitas após a missa em homenagem aos 23 anos da Revolução de 64, rezada no dia 31 de março, na Igreja Santa Cruz, no Rio de Janeiro. O ex-presidente não poupou críticas ao presidente José Sarney, a quem atribuiu toda culpa pela situação atual do País, destacando que o governo não está correspondendo ao processo de abertura política que iniciou. Disse que os problemas atuais demonstram que a Revolução não era tão negativa como se afirmava durante o seu governo.

O sentimento anti-Funaro, considerado quase uma unanimidade no País, levou parlamentares dos partidos de esquerda no Congresso Constituinte a ressaltarem as diferenças entre a crítica da esquerda e dos trabalhadores e a da direita, em sua visão representada

por declarações de militares, como o ex-presidente João Figueiredo e de constituintes como o deputado Delfim Netto e o senador Roberto Campos.

Para o deputado José Genoino (PT-SP), a crítica da direita à política de Funaro está diretamente ligada à questão da moratória: "A política do Governo, apesar de subserviente aos credores internacionais, resiste ao entreguismo absoluto, por isso as críticas da direita. O que eles querem é uma volta ao controle do FMI, que só beneficia banqueiros externos e internos. Já nós, o que queremos é um aprofundamento da moratória, com o enfrentamento firme ao capital estrangeiro. À esquerda cabe, portanto, opor-se ao governo atual, com a proposta das diretas e, ao mesmo tempo, fazer vir à tona o passado recente, para calar a voz dos entreguistas".

Também o deputado Augusto Carvalho (PCB-DF), prega o duplo papel das esquerdas do País de exigir da Nova República o aprofundamento da moratória e lutar pela realização de uma auditoria sobre o processo de endividamento externo do Brasil, "para culpar os criminosos do passado".

PDT

O líder do PDT, deputado Brandão Monteiro, culpa a falta de legitimidade do mandato do

presidente Sarney pela profunda crise que assola o País, dando margem a que "figuras como Delfim Netto e Roberto Campos, responsáveis pelo quadro econômico hoje existente, posem como salvaguardadores ou autores de propostas que dariam ao Brasil estabilidade. É urgente que as forças democráticas se unam, para que os pregadores da catástrofe e defensores do autoritarismo não se recoloquem no quadro político brasileiro".

Para Bete Azire (PSB-AM), é fundamental desmascarar o discurso da esquerda que, na crítica ao ministro Funaro, acaba por defender bandeiras que não são suas: "Enquanto a nossa crítica é pela limitação e timidez da política econômica do Governo, em relação ao enfrentamento com os grandes grupos econômicos externos e internos, a deles visa, sobretudo, uma volta à tutela do FMI e ao autoritarismo. O que eles querem é confundir a opinião pública buscando, na verdade, o passado".

Segundo a parlamentar, mesmo que a direita use a mesma linguagem da esquerda na crítica ao Governo Sarney, falta-lhe a fundamental credibilidade junto à população. "Só num ponto o Delfim Netto tem razão: quem continua mandando, por enquanto, é o sistema financeiro. É contra isso que precisamos nos unir e lutar".